

Encontros psicanalíticos virtuais com a criança

Luciana Zamboni Buseti¹

Resumo: O artigo aborda o atendimento virtual de crianças no momento da pandemia. Descreve uma “sessão ou encontro virtual” e as vicissitudes desse processo. Propõe algumas reflexões quanto à técnica psicanalítica, bem como compreensões do desenvolvimento da criança, principalmente, no que se refere à latência. Precisaremos de tempo para ressignificar essa experiência de atendimento virtual na teoria da técnica psicanalítica.

Palavras-chave: Atendimento psicológico virtual com criança. Atendimento psicológico on-line. Latência. Pandemia. Virtualidade.

Introdução

Assistir a *Webinars* promovidas pelas instituições psicanalíticas locais, como Febrapsi, FEPAL e IPA, permitiu-nos acesso mais direto à escuta e aos diálogos com profissionais do Brasil, da América Latina e do mundo inteiro que passaram a atender crianças on-line neste momento de pandemia. Mesmo que a situação atual desacomode e questione diversos aspectos da psicanálise, a técnica-psicanalítica ainda nos oferece ferramentas possíveis para lidarmos com o sofrimento psíquico.

Precisamos redefinir os espaços e a noção de tempo cronológico e interno. Ficou no passado recente “o jeito” que lidávamos com o espaço e o tempo. Atualmente, vivemos um presente mutante a toda hora e não sabemos como será o futuro, pois algo se perdeu quanto às fronteiras entre mundo interno

¹ Psicóloga Especialista e Mestre em Psicologia Clínica – PUC. Psicoterapeuta de orientação psicanalítica de criança, adolescente e adulto – IEPP. Membro do Instituto da SBPdePA.

e externo. O eu e o outro, dentro e fora, misturam-se. Parece que estamos vivendo com os pacientes os dois tempos do trauma juntos, ou seja, com a realidade material e a histórica ocorrendo concomitante – uma experiência nunca vivida antes nas nossas gerações.

“Encontros-sessões” psicanalíticas virtuais

Tenho falado, principalmente, no que se refere aos atendimentos de crianças, que tenho tido “encontros” e não sei se posso chamá-los de “sessões”, pois ficaram diferentes.

As mudanças técnicas nos invadiram tão repentinamente que contar com nosso *setting interno* e as trocas virtuais com colegas que pensam a psicanálise são fatores básicos para continuarmos trabalhando e recriando cada encontro. “A rapidez, a aceleração do movimento, o caráter contínuo das imagens das telas, os fluxos sensoriais visuais e auditivos instauram uma relação diferente com o silêncio e a palavra” (Guerra, 2016, p. 144).

De repente, vi-me sem a caixa física da criança e sem os materiais coletivos do consultório. Comecei a montar o meu “consultório virtual”, com os materiais que tive acesso na minha casa. Selecionei alguns brinquedos que meus filhos, quando pequenos, usavam, como legos, bichos de pelúcia, carrinhos, bonecos e livros – principalmente os da Ruth Rocha. Introduzi um “monstro de pelúcia” muito parecido com o “coronavírus”. Foi assim que me rerepresentei para as minhas crianças. “*Oi, sou eu aqui querendo saber como vocês estão aí, em casa, longe da escola, das professoras, dos amigos, dos avós... Porque, agora, precisamos nos proteger do coronavírus*”.

Realidades e fantasias foram se impondo através da tela, na qual a criança oscila entre ter o controle e o descontrole, me carregar e me deixar cair, permanecer conectada ou desconectar-se, bem como em frações de segundos tudo pode mudar. Corremos pela casa, pelo pátio, paramos para conhecer objetos de seu quarto e de toda a casa. Nesses trajetos do nosso encontro, às vezes, as crianças menores conseguem escutar uma história ou me contar algo e, às vezes, eu pergunto ou elas me perguntam sobre algum assunto do momento.

Percebo que, nos primeiros meses de confinamento, o corpo das crianças menores esteve sempre em “hiperatividade”, talvez uma espécie de luta e fuga da ameaça do coronavírus, numa corrida em prol da vida. Não podem parar, estão (estamos) assustadas com o mundo lá fora e confusas sobre qual mundo pertencemos e se hoje é presente, ou presente-passado, sem futuro, já que fomos arrancados do presente que conhecíamos e estamos tão incertos quanto ao futuro.

Com as crianças menores, as telas ficaram nas mãos dos pais que filmam os encontros e, também, passam a ser protagonistas da “*trama-trauma*”. Como sempre valorizei a presença dos pais no atendimento das crianças, achei que poderia ser interessante passarmos por essa fase juntos – “encontros conjuntos”.

Dia 08 de maio de 2020 – Os “encontros-sessões” com Felipe, de seis anos, têm sido sempre realizados na presença dos pais que auxiliam com as questões tecnológicas. Ele está em atendimento desde os três anos, quando os pais se separaram e ele começou a apresentar sintomas obsessivos como lavar frequentemente as mãos e pesadelos. Neste ano, iniciou o 1º ano escolar e estava resistente com a alfabetização. No pouco tempo que esteve em aula presencial, somente lhe interessava brincar no pátio. Com o isolamento e as atividades escolares on-line, Felipe ficou ainda mais resistente. Nos primeiros atendimentos on-line, também disse que não queria aquela forma, mas sim no consultório, como sempre fizemos. Foi difícil entender que eu também estava na mesma situação de isolamento. Aos poucos, foi aceitando nossos encontros diferentes e a proposta era de descobrirmos juntos como trabalhar.

Felipe – com o pai:

F: Oi Luciana! Tô aqui na casa do vô, com o meu pai. Não é casa aqui. É prédio. Mas eu gosto mais de casa.

T: O que tem a casa que gostas mais?

F: Posso correr, né?

T: Ainda mais nesse tempo de corona que não podemos ficar saindo dos prédios para correr, né? Nesse vô, não tem pátio, mas tem o pai.

F: Sim. Eu amo o meu pai.

T: Imagino quantas saudades que estavas dele, pois fazia um tempão que não o via porque estavas na praia com a mãe.

F: Muita! Olha aqui o meu lego construtor. Ele tem uma caneta no bolso. Gozado, né?

T: Gozado, por quê?

F: Não sei. Parece meio borrada.

P: A caneta borrando a camisa dele? Como?

F: (Ri). Não sei, mas é engraçado!

T: Quando a gente usa caneta, pode acontecer de borrar mesmo, pois não dá para fazer tudo sempre perfeito, sem sujar nada... Será que esse construtor usou a caneta para escrever ou desenhar alguma coisa? (lembro que ele está bastante resistente com as questões escolares on-line).

F: Pode ser... Sabia que vou ganhar do pai um Playmobil do City?

T: Playmobil da cidade mais o teu lego do construtor com a caneta... Será que eles vão fazer algo juntos, na cidade?

F: Não sei. Meu pai vai me dar de aniversário esse Playmobil.

T: O pai também estudou para ter um trabalho e poder comprar coisas, como agora, teu presente de aniversário.

F: Sim. Eba!

T: E como tu tá imaginando que será o teu aniversário, nesse tempo de coronavírus, que não podemos nos encontrar com muitas pessoas, não tem escola, não tem encontro com os amigos?

F: Daí eu faço uma chamada de vídeo com os meus amigos, né, pai?

O pai responde que sim.

T: Que ideia! Vai dar um jeito de festejar, mesmo sendo bem diferente dos outros aniversários. Meio parecido com a gente aqui que, mesmo por vídeo, continuamos conversando, nos vendo, de um outro jeito, até conseguirmos voltar lá para o consultório, quando o coronavírus passar...

F: É! Olha aqui o meu dente crescendo!

T: Estás crescendo nesse tempo, hein? Quantos caíram?

F: Três. Eu e a mamãe arrancamos. Ela girava para um lado e eu para o outro (ri).

T: Corajoso que tu foste e com a ajuda da mãe enfrentar os dentinhos moles! Daí consegui abrir espaço para os outros dentes crescerem. Teus dentes de bebê e criança estão indo embora e dando lugar para os novos porque estás crescendo, Felipe.

F: Sim. Tô bem grande mesmo! Olha o gato do meu vô.

T: Tu brincas com ele?

F: Sim. Ele é bem brincalhão e fica se enroscando no fio. Mas ele já me arranhou.

T: Ele é brincalhão, mas também fica brabo. Com a gente também acontece isso de estarmos na boa e, às vezes, ficamos irritados, cansados, sem vontade de fazer as coisas... Hoje, por exemplo, tu tá na boa com o nosso atendimento, já com as coisas da escola, não tens vontade de fazer.

F: Eu já tô fazendo algumas coisas do colégio, agora, sabia?

T: É mesmo? Acho que ficou um tempo sem conseguir porque tudo ficou tão estranho com o coronavírus, né?

F: Luciana! Tu vai ler qual história pra mim, hoje?

T: Tenho algumas aqui e vou ler o título para escolheres, ok? *Meus lápis de cor são só meus, O dia que Miguel foi para a escola, O Dia que Miguel estava triste...*

F: Quero o dos *Lápis de cor são só meus* porque adoro desenhar. Tu sabe, né?

P: Claro! Nunca me esqueço de como gostas de desenhar, como sempre fizemos juntos no consultório e, quando o corona passar, nós vamos voltar a nos encontrar lá (começo a ler).

F: Mas, acho que eu prefiro uma história com rima. Tu tem?

P: Hoje eu tenho aqui uma com rima! O título é: PALAVRA TEM SEGREDO? Têm palavras e um jogo junto que acho que vais gostar.

F: Sério! Quero muito!

T: Estás bem animado. Vamos lá (tento, de forma menos desajeitada desta vez com a tecnologia, mostrar as páginas). *“DOIS SEGREDOS ESCONDIDOS, DOIS ANIMAIS CONHECIDOS. DESCUBRA O QUE DE FATO APARECE NO SAPATO!”*. Viste que tem, agora, a parte de adivinhar duas palavras que podem estar dentro do SAPATO?

F: Não quero ainda. Adivinha tu.

No início, ele não quis adivinhar as palavras, ficando claro o medo de errar. Fui lendo e brincando com as rimas até que, no meio do livro, ele disse:

F: Tá, agora, deixa que eu adivinho.

Mas protelava: “Não, essa ainda não quero...Agora quero... Não, ainda não...Vai mais um pouco, tá Luciana”.

T: Não tem pressa... Estamos brincando com as letras... E tu viu que estamos fazendo juntos.

F: Tá, agora, eu tento!

T: *“É UM BICHO DE ESTIMAÇÃO QUE VEM NA PALAVRA FURACÃO. GOSTA MUITO DE BRINCAR E DE AO SEU LADO SEMPRE ESTAR!”*

F: É CÃO! Fácil! Consegui! Acertei a palavra que está dentro da outra! (dá gargalhadas) Acertei mais uma! Claro que é essa a palavra...

Nesse contexto, Felipe vai mostrando muito prazer com as descobertas.

T: Viu como tu ficas feliz em poder começar a entender e enxergar as palavras que estão dentro uma da outra? Que menino esperto que tu estás.

F: É! Agora deu, né? Eu tô cansado, Luciana.

T: Sim, te entendo. Hoje ficamos trabalhando juntos, por aqui, o mesmo tempo que ficavas lá no consultório. Só que aqui parece que o tempo é diferente porque a gente não conhecia esse jeito, né?

F: Foi muuuuito tempo que cansei.

T: É que também teve o teu trabalho com a adivinhação das palavras, uma coisa que te esforçou bastante, trabalhou e conseguiu!

O que aparece no nosso encontro psicanalítico virtual? Movimentos intrapsíquicos do Felipe e intersubjetivos foram ocorrendo com traduções,

discriminações, assinalamentos em busca de sentidos. Nesse encontro, diferente de outros, conseguimos nos conectar com os conflitos relacionados às diferenças e seus objetos amorosos, aos impulsos hostis e aos amorosos, à culpa, ao crescimento, à aprendizagem e à confiança para explorar o mundo, mesmo que este esteja “bloqueado”.

O paradoxo da presença-ausência

Vivemos o paradoxo da presença e da ausência, agora, com os corpos ausentes e as mentes presentes. Sentimos falta da presença física, com o uso da sensorialidade, mas necessitamos seguir no isolamento com a esperança do reencontro. Por enquanto, vamos enfrentando as diferenças impostas pela virtualidade. Não temos previsão de até quando poderemos esperar pelo reencontro físico com as pessoas importantes da nossa vida (pais, avós, professores, amigos).

A criança, na latência, que recursos já construiu para poder suportar esse funcionamento virtual e esperar pelo encontro presencial?

A criança está construindo os símbolos e, por isso, ainda necessita da presença do outro, de ter uma “marca registrada” com a qualidade desse encontro para poder enfrentar a falta. Porém, questiona-se o quanto o outro está sendo percebido como “presente” ao aparecer on-line, já que parece ficar mais difícil percebê-lo (professor, analista) como modelo de presença ainda tão imprescindível para a continuidade da construção do processo de identificação e simbolização. O outro parece ficar mais indiscriminado pela dificuldade da percepção de reconhecê-lo como um objeto total que é presente e ausente. Uma das consequências é o *eu* com dificuldade de se constituir e construir símbolos devido às alterações sofridas no jogo da presença e ausência no virtual.

O afeto se apresenta primeiro como uma sensação corporal, colada ao corpo, vivido como uma parte não descartável de si, não simbólico. Se o afeto e a sensação são partilhados, ocorre uma sintonização com um outro que é empático e identificado, começando o afeto a se deslocar do corpo e, assim, ocupando um lugar no sistema de comunicação. A partir do momento em que o afeto ou a expressão mimo-gesto-postural são partilhados, ocupam um lugar na atividade de simbolização que é dado pela “presença do objeto”. Somente depois dessa separação ter sido experimentada que as representações do objeto na ausência deste podem estar disponíveis para a criança (Roussillon, 2015).

A latência

O trabalho psíquico específico da latência produz modificações do aparelho psíquico, no sentido do esforço para organização, diferenciação e complexificação, fazendo com que a pulsão tramite num novo ordenamento dinâmico e estrutural. No plano intersubjetivo, a latência retrabalha a conflitiva edípica e fraterna, ampliando-se as relações com outras crianças e com adultos (Urribarri, 2012).

A latência exige um trabalho de isolamento devido ao deslocamento das pulsões para outros destinos a serviço da sublimação, favorecendo o desenvolvimento e a ampliação egoica, simbolização, autoestima e inserção social (Urribarri, 2012).

No encurtamento da latência, vivido na contemporaneidade até então, compreendíamos que as crianças não tinham o tempo necessário para elaborarem conflitos nesse período. Ficavam, muitas vezes, imersas num contexto de grande aceleração para darem conta de uma agenda de “miniexecutivos”, com sobrecarga de informações, com acesso ao mundo digital e ausência de limites por parte dos adultos. E, agora, que elas estão confinadas, com maior presença dos pais dentro de casa, a pandemia estaria gerando um excesso desses comportamentos ou maior continência e limites?

O distanciamento dos pais, tão necessário para as crianças construírem a separação emocional, realizava-se quando os pequenos iam à escola presencial. Hoje, devido à pandemia, não está acontecendo. Nesse sentido, poderá ocorrer um incremento dos conflitos pré-edípicos e edípicos. É possível que surjam dificuldades no processo de separação, trazendo consequências como o prolongamento da latência para dar conta do trabalho psíquico de separação dos pais e da simbolização.

Devido ao ritmo momentâneo, como as crianças farão esse trabalho de deslocamento para o social, visto que estão em isolamento em função da pandemia? Sucumbir ao isolamento ou prolongar o tempo de elaboração? Eis aqui um paradoxo importante do desenvolvimento infantil para avaliarmos a posteriori.

O novo *setting* e a técnica

Voltando ao nosso consultório virtual: podemos afirmar que estamos trabalhando analiticamente com nossas crianças, nesse período? Quais os limites dessa técnica que fomos postos a utilizar e quais os parâmetros que continuamos sustentando para o trabalho analítico?

A técnica psicanalítica utilizada, até então, não foi adaptada para o ambiente virtual. Mas o fato de estarmos fazendo o que é possível e contando com a nossa identidade analítica faz com que estejamos reinventando um método psicanalítico *virtual*. Nunca havíamos sequer pensado sobre isso. O que permanece relativamente constante parece ser a escuta analítica, a qual continua permeando nossa relação, na medida em que nos sentimos maleáveis e ainda continentes. Na “técnica nova”, o analista entra na casa da criança e precisa encontrar e criar com ela um espaço para o atendimento.

Dorado de Lisondo (2020) traz a ideia de que precisamos de disposição para o novo e para recriarmos uma técnica, o que é diferente de praticarmos uma “psicanálise silvestre”, na qual se trabalharia de *qualquer forma*, que seria o mesmo que *sem forma*. Precisamos cuidar para que o tratamento permaneça psicanalítico.

Sinto que trabalhar com a interpretação se tornou mais difícil no setting virtual à medida que se alterou o ritmo e o tom de formulá-la. A forma sempre foi criada a partir de uma construção do brincar juntos, personificando conflitos. Percebo que essa via simbólica que usávamos, nas sessões presenciais, foi bastante alterada pelo virtual, pela presença dos pais e da nossa sensorpercepção. Noto que tenho trabalhado mais com os aspectos conscientes, sem conseguir, muitas vezes, nomear as representações inconscientes como, por exemplo, a raiva que Felipe estava deslocando para o gato, a caneta que borrava a camisa, os pesadelos que o fazem ir para cama com a mãe (conflitiva edípica) e os dentes que estão caindo (ansiedades de castração), por exemplo. A interpretação pode parecer mais impactante e selvagem nesse momento, muitas vezes, escutada pelos pais como mais uma coisa estranha e indigesta, além do vírus e do novo setting virtual. Portanto, através do tom da voz e do ritmo estabelecido on-line com cada paciente, tentamos fazer intervenções que coloquem em palavras aquilo que pode ser processado pela criança, pelos pais e por nós.

Com cada criança, criamos um espaço no virtual e, na maioria dos encontros, apesar de distantes, parecemos pertos via tela – nossos rostos nunca estiveram tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo. E se o tempo do encontro virtual for excessivo para a criança? E se for excessivo para nós? Precisamos trabalhar com o tempo da criança para não entrarmos como excesso, pois, no virtual, ainda não sabemos como o psiquismo funciona.

Na minha recente experiência, parece que a construção da noção de tempo e espaço encontra-se alterada. As crianças até seis anos têm percebido o tempo virtual maior que o presencial. Permanecerem cinquenta minutos numa tela,

em atendimento ou em aula on-line, é sentido como se estivessem ali por um turno inteiro. A concentração delas é diferente e, talvez, relacione-se com um cansaço maior em função de uma energia que estão precisando usar para lidar com o novo e estranho momento.

Os meios de comunicação invadiram o espaço de intimidade, transformando a subjetividade. A contínua exposição do *self* leva o indivíduo a ter que se mostrar, ser visto para se sentir existente, em detrimento da intimidade. Na atualidade, a velocidade na comunicação muda a perspectiva com relação ao espaço, abolindo os tempos de espera (Guerra, 2016).

O cansaço da criança e o cansaço do analista, nas sessões virtuais, dificultam a *atenção flutuante*. Agora, a atenção torna-se mais focada e tensa ao transitar nas conexões virtuais. A associação livre e a “atenção flutuante” talvez ocorram em momentos mais fugazes, após termos conseguido um sinal estável de internet, por exemplo. *“Tá me ouvindo? Tá me vendo? Tá no wi-fi? Vou tentar trocar para o 4G! Tá vendo as figuras do livro? Vê meu desenho? Coloca mais perto a câmera do teu desenho que daí posso enxergar! Pede para a mãe arrumar o celular para eu poder te ver melhor já que mudaste de lugar. Vais ficar aonde hoje?”*. Após esse primeiro momento do encontro surge, às vezes, uma espécie de relaxamento, palco para o trabalho psicanalítico. *“Agora, sim, podemos iniciar!”*.

Mas como entra a questão do corpo que sempre foi a principal forma da criança se expressar? Se o corpo precisa ser constantemente higienizado é porque não se pode ter contato e intimidade com o outro.

É através do corpo e da voz que sentimos a presença do outro. Agora, temos voz e imagem dos rostos que se fazem presentes com expressões faciais, mesmo que inúmeras vezes deformadas pela câmera ou congeladas pela perda de conexão. *“Tu ficou agora com uma cara de muito braba Luciana! Tu ficou agora de boca aberta!”*.

A voz é a parte do corpo de maior evidência numa sessão virtual, e a palavra continua fortemente podendo produzir efeitos no corpo e na estruturação psíquica. “Na virtualidade das palavras, estas são portadoras de desejos e fantasias” (Orduz, encontro virtual da FEPAL, 23 de maio, 2020).

Se o contato físico significa contágio e risco para a sobrevivência, temos que lidar com essa realidade brutal e aceitá-la com suas limitações, mas também pensar, imaginar e sonhar com possibilidades de comunicação, mesmo que não sejam ideais. Após o contato físico se tornar perigoso, a voz passou a ser muito importante na escuta.

O processo de libidinização das crianças para a constituição psíquica se modifica a partir da pandemia, uma vez que elas são possíveis vetores do vírus

e, por isso, não são mais tão desejadas para a proximidade física. Dessa forma, o olhar dos adultos em relação às crianças mudou. Os pequenos passam a representar uma ameaça à integridade dos adultos e, especialmente, dos mais velhos (avós), tão importantes para a constituição psíquica através do transgeracional, do afeto, das diferenças.

Os recursos utilizados pela criança para tentar compreender as ameaças invisíveis vão depender do momento do seu desenvolvimento. Quais recursos a criança está usando para se comunicar conosco? Desenhos, jogos, livros, objetos da casa, do quarto, *tiktok* e jogos on-line auxiliam a criança a desenvolver as fantasias e elaborar as realidades materiais que se instalaram no aqui e agora.

Se a criança conseguir ser criativa na nossa “presença” virtual, isso nos permitirá intervir, perguntar, pensar e conversar através da forma que for possível em cada “casa-encontro”. Importante termos em mente que nossas conexões com a criança precisam ser usadas para que elas tentem elaborar situações traumáticas através do brincar. Para tanto, o brincar no encontro virtual nem sempre é, apenas, via de descarga de impulsos e ansiedades, mas pode propiciar o fantasiar e o desenvolvimento do pensamento.

Nosso trabalho é de fazer ligações das vivências traumáticas de ameaça do vírus e das perdas de espaços com as relações já constituídas e organizadoras da vida – escola, esportes, confraternizações, grupo de amigos, convívio com avós e familiares.

Considerações finais

Caímos juntos num grande acontecimento disruptivo cuja urgência não nos deixou processar e, aos poucos, parece que estamos acessando, de forma ainda rudimentar, algumas representações desse evento. Algum nível do pandêmico já estava no intrapsíquico, quando fomos procurados para ajudar os pacientes e quando nós mesmos procuramos nossas análises. Porém, agora, pacientes e analistas foram atingidos por uma mesma ameaça que se sobrepõe ao funcionamento intrapsíquico de cada um e altera a construção da intersubjetividade de cada encontro.

Estamos vivendo um trauma coletivo que desorganiza nosso psiquismo e precisamos processá-lo juntos. Passados alguns meses, parece que estamos conseguindo trabalhar um pouco mais para dar sentido a “isso”, discriminando as consequências da pandemia no psiquismo de cada um da dupla. Mas não sei o quanto estamos conseguindo acessar o trabalho de representação devido à privação sensorial.

Estamos indo além do manifesto e acessando o latente? Percebo o quanto passei a ter uma atitude analítica mais ativa nesse momento virtual, por exemplo, fazendo mais perguntas nas intervenções.

Nós e os pais temos uma tarefa essencial de explicar o que estamos vivendo a fim de criarmos mecanismos de enfrentamento e diminuirmos os de fuga e de onipotência (narcísicos). Seguimos como modelos de identificação, mas, nesse momento, representamos fortemente modelos com medos e incertezas.

No futuro é que conseguiremos ressignificar a nossa nova experiência no atendimento virtual compartilhada com crianças, adolescentes e adultos, escrevendo, quem sabe, sobre uma nova teoria da técnica psicanalítica virtual.

Psychoanalytic virtual meetings with the child

Abstract: The article approaches the virtual assistance of children during the pandemic. It describes a “session or virtual meeting” and the vicissitudes of this process. It proposes reflections as to the psychoanalytic technic, as well as to the understandings of the child’s development, mainly in what concerns latency. It will take us time to fathom this virtual assistance experience inside the theory of psychoanalytic technic.

Keywords: Latency. Online psychological care. Pandemic. Virtual. Virtual psychological assistance of children.

Referências

Dorado de Lisondo, A. B. (2020, 9 de Maio). Infâncias/adolescências e psicanalistas: Re-criando fronteiras em tempos de pandemia. In M. E. Cimenti (Coord.), *FEPAL - Atendendo a emergência*. Disponível em <https://fepal.bmeurl.co/A6BFE51>

Guerra, V. (2016). Formas de (des)subjetivação infantil em tempos de aceleração: Os transtornos de subjetivação arcaica. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 23(1), 137-158.

Orduz, F. (2020, 23 de Maio). Psicanálise em movimento em tempos de pandemia. In A. Fernández (Coord.), *FEPAL – Atendendo a emergência*. Disponível em <https://fepal.bmeurl.co/A6BFE51>

Roussillon, R. (2015). La dialéctica presencia-ausencia: Para una metapsicología de la presencia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 19, 93-116.

Urribarri, R (2012). *Estruturação psíquica e subjetivação da criança em idade escolar: O trabalho da latência*. São Paulo: Escuta.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 15/09/2020

Aceito em: 19/10/2020

Luciana Zamboni Busetti
Rua Dr. Timóteo 727/501
90570-041– Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: lucianazbusetti@gmail.com